

AVALIAÇÃO DISCURSIVA DAS AFASIAS

DISCURSIVE EVALUATION OF APHASIAS

Maria Irma Hadler Coudry¹

Fernanda Maria Pereira Freire²

Resumo: Apresentamos a avaliação discursiva da linguagem de afásicos desenvolvida pela Neurolinguística Discursiva (ND) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essa avaliação se diferencia radicalmente daquela assentada em testes metalinguísticos, tradicionalmente usada na área médica. Tal diferença ocorre pelo fato de assumirmos uma concepção de linguagem e de cérebro historicamente determinados, o que nos leva a propor uma prática de avaliação que se dá por meio de práticas discursivas que se relacionam a parâmetros culturais e à história de vida dos sujeitos em avaliação. Tais práticas envolvem sistemas verbais e não verbais que revelam aspectos linguístico-cognitivos não considerados na avaliação tradicional. Apresentamos, também, o Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) cujo registro confere visibilidade à cena enunciativa e à avaliação discursiva.

Palavras-chave: Neurolinguística; Avaliação de linguagem; Afasia; Discurso, Subjetividade.

Abstract: We present the discursive evaluation of aphasic language developed in Discursive Neurolinguistics (ND), at the State University of Campinas (UNICAMP). This evaluation differs radically from the language assessment seated on metalinguistic tests, traditionally used in the medical field. The difference occurs by the fact that the ND takes as its basis a conception of language and brain historically determined. This approach leads us to propose evaluation activities guided by the discourse we practice in society, related to cultural parameters the subject's life story. Such practices involve verbal and non-verbal systems that reveal linguistic-cognitive aspects not considered in traditional language assessment. We present, also, the Neurolinguistic Database (BDN) whose register confers visibility to the enunciative scene and the discursive evaluation.

Keywords: Neurolinguistics; Language evaluation; Aphasia; Discourse, Subjectivity.

1 Neurolinguística Discursiva e avaliação qualitativa

A Neurolinguística Discursiva (ND) inaugurou seus estudos com a avaliação de linguagem de sujeitos afásicos, discursivamente informada, cujos princípios se desdobram nos seguimentos longitudinais que caracterizam essa área de estudo. Tal avaliação é fortemente ancorada na historicidade do sujeito e do tempo em que vive, na centralidade da interlocução na produção dos dados, sendo mediada por uma concepção

¹ Doutora e Livre-docente em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professora Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: coudry@iel.unicamp.br

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: ffreire@unicamp.br

de linguagem e de cérebro como construtos humanos historicamente determinados (LURIA, 1981; VYGOTSKY, 2007).

A afasia é uma condição humana produzida por lesão córtico-cerebral na área da linguagem, no hemisfério dominante, em um sujeito adulto, que afeta, sobretudo, a linguagem, em um ou mais dos níveis de análise linguística (BENVENISTE, 1995a), na produção e/ou expressão de sentidos, em sua face oral e/ou escrita. Afeta também, a articulação dos níveis no funcionamento do discurso, a expressão da subjetividade e da alteridade. Em muitos casos, afeta, ainda, o corpo e a manipulação de objetos e gestos representativos de suas ações, a percepção, o raciocínio intelectual, a atenção, a vontade, a imaginação e a iniciativa. Em outros termos, afeta a condição associativa do aparelho de linguagem descrito por Freud (1891) que pode redundar em uma série de parafasias/paralexias/paragrafias. Curiosamente, em muitos casos, é preservada a relação dos gestos com a linguagem e a representação do objeto (foto, desenho).

É por essa razão que a proposta discursiva de avaliação de linguagem em afásicos, de caráter qualitativo, inclui o discurso verbal e não-verbal (COUDRY; MORATO, 1990; FREIRE, 1999, 2005; MÁRMORA, 2000; FEDOSSE, 2000; COUDRY, 2002, 2008) e se sustenta em uma concepção abrangente e pública de linguagem (FRANCHI, 2002). Essa perspectiva se inspira em conceitos e princípios da Análise do Discurso (AD) francesa, que se define como disciplina pelo ponto de vista também linguístico sobre seu objeto e que integra em seu domínio tanto questões enunciativas quanto o lugar da enunciação e o modo de configuração textual (MAINGUENEAU, 1989, 2011). Uma AD que delimita o que pode e o que deve ser dito (escrito, lido), seguindo os dispositivos (FOUCAULT, 1987, 2008; AGAMBEN, 2009) que o determinam, para afásicos e não afásicos.

Em relação a uma Neurolinguística comprometida com o estudo de processos de significação, em sujeitos cérebro-lesados (COUDRY, 1986), essa AD fornece motivação teórica para que a avaliação linguístico-cognitiva seja um registro amplo de tais processos, incluindo vários de seus aspectos verbais e não verbais; ou seja, que a linguagem se exiba em sua complexidade, mesmo que isso signifique construções mais incompletas, apontando que mesmo em condições extremas há linguagem na afasia (COUDRY, 2007). Para retratar a multiplicidade de aspectos envolvidos na interlocução e dar *visibilidade* à cena enunciativa a ND construiu um banco de dados com características que mostram essa dinâmica, denominado de Banco de Dados em Neurolinguística (BDN). Em outras palavras, tomamos a avaliação dos processos de

significação e a orientação terapêutica num quadro de referência teórica fundamentalmente discursivo e que contempla as diversas instâncias verbais de uso da linguagem, além de sua relação com outros sistemas semióticos, com a gestualidade e a percepção.

Esse modo de conceber a linguagem aponta para o fato de que os contextos de uso da linguagem (a ser avaliada e tratada) não devem se restringir a discursos condicionados por tarefas metalinguísticas, como faz a perspectiva tradicional (quantitativa) de avaliação de linguagem, essencialmente baseada em testes padronizados e descontextualizados (COUDRY, 1986). Ao contrário, devem concentrar-se no uso da linguagem veiculado pelos sujeitos da linguagem (locutor e interlocutor), de modo a produzir um conhecimento mais completo possível das dificuldades (por parte do sujeito, considerando sua história) e vias explicativas, baseadas nos níveis de análise linguística e no funcionamento discursivo da linguagem.

É dessa atitude discursiva frente aos fatos da linguagem que derivam os protocolos de avaliação, historicamente informados, denominados de versões protocolares. Nos estudos longitudinais que desenvolvemos, apresentamos tais versões que produzem, na interlocução travada entre afásico(s) e não afásico(s), os dados que analisamos. Ou seja, os dados são produzidos na interação entre os sujeitos e as cenas enunciativas (MAINGUENEAU, 1989) que daí derivam, especialmente as cenografias (MAINGUENEAU, 2010) compõem uma determinada versão protocolar cujo vínculo com outras é sua condição histórica de discursos anteriores. O discurso, como considera Maingueneau (2010), não acontece em um espaço já construído e autônomo, mas na enunciação/interlocução que o constitui e que sustenta a cenografia que o legitima. A ideia de cenografia de Maingueneau (2010, 2011) reafirma a centralidade da enunciação e do interdiscurso, o que se afina com os propósitos da ND de produzir versões protocolares que se estabelecem na interlocução. A relação entre língua, linguagem e sociedade orienta as propostas desenvolvidas nas versões protocolares de que são compostos a avaliação e o seguimento longitudinal.

Resumidamente, nossa proposta de investigação qualitativa de avaliação da linguagem de afásicos pressupõe várias relações implicadas nos diversos processos de significação: da linguagem com outros processos cognitivos, da semiose verbal com a não verbal, de aspectos linguístico-cognitivos com as diversas referências socioculturais partilhadas por sujeitos falantes de uma língua natural. Este texto é uma versão expandida do trabalho “Investigação qualitativa na avaliação da linguagem de afásicos” (COUDRY;

FREIRE, 2016), apresentado no V Congresso Ibero-americano de Investigação Qualitativa, realizado em 2016, na cidade do Porto, com foco na *visibilidade* conferida pelo Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) às condições de produção do discurso, relevante tanto para a investigação empreendida pela ND quanto para a prática clínica que nela se exerce.

2 Avaliação como prática discursiva

De acordo com Maingueneau (1989), o conceito de prática discursiva envolve a reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a textual (verbal) e a social, e em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura. Isso implica falar do que se fala, do que acontece, pode ou não acontecer, do que se diz, do que se ouve, do que se escreve, do que se lê, do que não tem importância e do importante, etc. Assim, a avaliação leva em conta, por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito trabalha com os processos patológicos, exibindo a *ação criadora* (FRANCHI, 2002) presente no exercício da linguagem empreendido por sujeitos pragmáticos.

A avaliação de linguagem que deriva dessa perspectiva relaciona-se aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar (COUDRY, 1986). A metodologia que orienta nosso estudo e que sustenta a ND é, pois, de base heurística que tem no processo seu foco de análise, onde são flagrados um conjunto representativo de *dados-achados* (COUDRY, 1996), registrados no BDN, que iluminam tanto o olhar do investigador sobre o que investiga e a teorização que lhe pode ser atribuída, movimentando a relação entre dado e teoria e vice-versa, quanto o olhar sobre a intervenção clínica.

Nesses termos a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos, diferentemente da abordagem tradicional³, assentada em tarefas essencialmente metalinguísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e padrão de língua, insere-se no exercício de práticas significativas humanas e relaciona-se diretamente a situações de uso social da linguagem. Faz sentido nessa perspectiva avaliar como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito

³ A ND tem definido como tradicional abordagens que estudam, avaliam e lidam com a linguagem no contexto patológico ou não desconsiderando o saber técnico produzido pela Linguística.

falante, mesmo afásico, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais.

Para se compreender como a atribuição de sentido se vincula a determinadas condições de produção, tomemos o enunciado *que bonito você me fez, ontem, hein?* dito em tom queixoso, em que o sentido usual de *bonito* remete ao seu contrário, *feio*. Isso é motivado pelo funcionamento discursivo da língua que possibilita vários sentidos para uma palavra, articulados à entonação e ao acontecimento discursivo. Por isso criticamos avaliações que fazem uso de palavras e frases previamente determinadas como se fossem passíveis de uma única interpretação.

Avaliar significa favorecer que o sujeito exerça diferentes papéis na/da/com a linguagem em situações interativas de que participam afásico e não afásico; ou seja, entre sujeitos pragmáticos que se apresentam sistematicamente usando a língua nas mais diversas e variadas situações e com diferentes propósitos, fonte onde se produz o conhecimento das dificuldades e das possibilidades *criativas* (FRANCHI, 2002), verbais e não verbais, que se apresentam e que os faz enfrentar as restrições da afasia.

Considerar a avaliação como prática discursiva significa assumir que do conjunto de atividades que se fazem com e sobre a linguagem deve constar aquele a que o sujeito tem sido exposto durante a vida, ou seja, aquele que o faz transitar na relação da semiose verbal e não verbal com o social, com a vida em sociedade organizada em torno do que caracteriza a realidade humana: passamos a vida usando a língua em atividades orais e escritas que fazem sentido e quando ficamos afásicos ... isso não pode faltar.

A avaliação discursiva tem sempre algo de inesperado, que surge no próprio acontecimento discursivo e que escapa ao controle dos interlocutores, podendo ocorrer processos alternativos de significação que ocupam, por força da afasia, o lugar de processos já estabelecidos pela língua e seu uso e que foram esquecidos depois da entrada do sujeito na língua (COUDRY; BORDIN, 2012). Tais processos muitas vezes passam despercebidos do investigador no momento de sua enunciação. É por isso que, no âmbito da ND, interpretar um fato de linguagem como dado requer um *método* que supõe dois tempos: o da ocorrência do *fato* na interlocução e o da análise pelo investigador dos diversos aspectos envolvidos em seu acontecimento e isso o transforma em *dado*. O intervalo de tempo entre um fato e sua transformação em dado pode ser maior ou menor, quase simultâneo ou não (COUDRY; FREIRE, 2010). É nesse contexto que ganha especial relevância a formulação de *dado-achado* (COUDRY, 1996) proposta para a ND, que tanto expõe os fatos linguísticos quanto os torna objeto de reflexão. No processo de

avaliação e no seguimento longitudinal ocorrem dados singulares (ABAURRE; COUDRY, 2008) que iluminam o percurso do sujeito e sua relação com a linguagem, movimento da teoria para o dado e vice-versa, ou seja, iluminam o modo de olhar da ND para o dado. A seleção de um dado pressupõe, antes de tudo, uma mudança de papel: de clínico a investigador. O investigador se desloca do *acontecimento discursivo* (do então presente) para o *evento discursivo* (o passado e o que dele restou) auxiliado pela visibilidade que o BDN confere aos dados de linguagem. A retomada do acontecimento discursivo a *posteriori* requer do investigador um árduo trabalho de *garimpagem* dos registros em áudio e vídeo, bem como no diário de pesquisa, visando a transcrição de dados de linguagem e anotações das condições de sua produção no BDN, cuja configuração suporta tal materialidade (FREIRE; COUDRY, 2016). Exige, assim, uma atitude contemplativa do investigador: descentrar-se do momento da interlocução para nela achar uma boa explicação. Para tanto, o dado precisa ter visibilidade na complexidade de seu acontecimento, daí a relevância para os estudos neurolinguísticos do BDN como ferramenta metodológica que expõe as condições verbais e não verbais de produção do dado. O BDN, portanto, não apenas auxilia o investigador na tarefa de transcrever dados, como também na busca e na identificação daqueles dados *singulares* e *achados*.

Como já foi dito, as afasias, por causarem modificações em várias esferas da atividade humana, sendo a principal a linguagem, afetam também a vida psíquica, o corpo, a percepção e a atenção, e provocam outra divisão no já cindido sujeito da linguagem. Aparece *um sujeito estrangeiro, um outro eu, mais incompleto*, que diz e faz coisas que não dizia/fazia (COUDRY, 2002). Quanto mais descontextualizadas são as atividades de linguagem propostas aos afásicos para avaliar suas dificuldades linguísticas, menos chances eles têm de conhecê-las e de enfrentá-las. E mais: eles estranham sua condição e o fato de sua linguagem e a dos outros ter mudado tanto. Por isso nos posicionamos contra testes⁴ e práticas dirigidos a afásicos que os submetem a perguntas sobre a língua e a ordens verbais que não fazem sentido mesmo para não afásicos. Ficam prisioneiros de uma avaliação que condiciona respostas únicas e iguais para todos, contrariando a natureza simbólica e não transparente da linguagem e de seu jogo discursivo, até mesmo quando as cenas enunciativas acontecem.

⁴ A ND considera a possibilidade de se fazer experimentos com a linguagem em sujeitos falantes sem que isso implique em avaliá-los negativa ou positivamente, nem diagnosticá-los a partir de tais experimentos.

3 Avaliação discursiva versus avaliação tradicional

Comparemos, por um momento, a avaliação discursiva aqui proposta com a atitude da avaliação tradicional frente ao sujeito e à linguagem.

Na primeira, ou seja, na perspectiva teórica que concebe a avaliação como prática discursiva tomam-se os processos patológicos como o exercício de uma condição particular que se relaciona aos processos normais⁵ de significação, e não ao que falta, à falha, ao deficit. Avalia-se o sujeito, inserido em uma comunidade linguística e cultural, em meio a práticas significativas com e sobre a linguagem (relato de fatos da vida pessoal, comentários na mostragem de fotos, de fatos noticiados, de opiniões, etc.), o que coloca o sujeito frente à agenda, jornais e revistas, noticiário, acontecimentos, levando em conta as variedades vernaculares de que se utiliza nas diversas configurações textuais que produz e interpreta. Quanto à segunda, critica-se a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sob o domínio da tradição escrita normativa, apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais (COUDRY, 1986). Que chances têm afásicos falantes de variedades vernaculares desprestigiadas, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola? Certamente os resultados indicarão um sujeito afásico muito mais afásico do que na verdade ele é. De acordo com Ribeiro (2001) há regras vernáculas e regras cultas sendo as segundas aprendidas historicamente com a escolarização. Fenômenos do português popular têm de ser conhecidos por quem avalia e trata de sujeitos afásicos para não serem confundidos com deficit, o que é comum ocorre nas avaliações tradicionais assentas em testes.

Vejamos, assim, pelo que passam os sujeitos em uma avaliação descontextualizada, a-histórica, essencialmente metalinguística e baseada em uma concepção normativa de língua. Há uma prova no subteste do Exame do Estado Mental (FOLSTEIN; FOLSTEIN; McHUGH, 1975), teste utilizado internacionalmente para triagem de sujeitos com "suspeita" de demência e aplicado também para afasia, para avaliar se o sujeito compreende ordens, oralmente e por escrito, em que o investigador escreve: *feche os olhos*, e pede ao sujeito que faça o que está escrito. Uma senhora de 74 anos (tendo cursado o segundo grau há 60 anos) que está sendo avaliada lê em voz alta e,

⁵ Autores clássicos que estudaram a afasia, Freud, Jakobson e Luria, consideram que o estudo da linguagem patológica ilumina o estudo da linguagem no espectro normal. Isso se torna possível dado o funcionamento em outro ritmo, como uma câmara lenta, por exemplo, que caracteriza o contexto patológico.

portanto, erra porque não era isso que o teste supunha que fizesse. Deveria, pois, cumprir a ordem executando-a e não lendo. No entanto, essa senhora passou a vida se relacionando diferentemente com o material escrito, ou seja, lendo e interpretando o que está escrito, e não fazendo. Imaginemos o que aconteceria a esse examinador se assim procedesse na vida. Quando viajasse, por exemplo, deveria parar a cada placa onde estivesse escrito *Pare* no acostamento e ficar por lá. Aprendemos com a vida e a cultura que o que está escrito é para ser lido e interpretado de acordo com os parâmetros culturais em que nos inserimos e que nos definem como sujeitos pragmáticos. Falamos (ou escrevemos) para o outro e essa é a realidade humana, retomando Benveniste (1995b), ou seja, a condição discursiva nos define como sujeitos da linguagem.

E que repercussão uma avaliação como essa tem na vida do sujeito? Indica, certamente, boas razões para excluí-lo (FOUCAULT, 2000, 2004) de prosseguir atuando como sujeito.

4 Prática discursiva, versão protocolar e BDN

Como vimos, a atitude discursiva frente aos fatos de linguagem orienta a organização de protocolos de avaliação e seguimento longitudinal, denominados pela ND de *versões protocolares* que se constituem de práticas discursivas (FREIRE, 1999; COUDRY, 2012). Para esclarecer a relação entre prática discursiva e versão protocolar, apresentamos dois dados retirados do BDN, do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Grupo II)⁶, que mostram a eleição de um dado como um dado-achado articulado a duas versões protocolares; a primeira se refere a um jogo de busca de palavras e a segunda decorre do relato de um fato noticiado pela mídia.

⁶ Fundado em 1989, o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) funciona no Instituto de Ensino da Linguagem (IEL) e é fruto de um convênio interdisciplinar do Departamento de Linguística com o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. É um lugar em que sujeitos afásicos e não afásicos participam de um ambiente de linguagem em que como interlocutores (de afásicos e de não afásicos) constroem e partilham de vários interesses, papéis e conhecimentos que os identificam como falantes de uma língua natural; um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos, mediadas por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade. Funciona em sessões coletivas semanais (de duas horas, às sextas feiras de manhã) e cada afásico conta com sessões individuais, realizadas pelos alunos em formação, sob a orientação da docente responsável pelo Grupo II do CCA, a Profa. Coudry. É lócus de estágio em afasia, um laboratório vivo onde alunos de graduação, pós-graduação e profissionais entram em contato com as dificuldades linguísticas da afasia e as estudam. É um trabalho de extensão destinado aos afásicos e suas famílias e vinculado constitutivamente à pesquisa e docência/formação.

O BDN vem se desenvolvendo desde 1996 objetivando, especialmente, a transcrição, o armazenamento e a busca de dados produzidos em sessões individuais e em grupo do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP) e do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/UNICAMP). O funcionamento desses Centros (o primeiro voltado a afásicos e, o segundo a crianças e jovens com dificuldades escolares, sobretudo de fala, leitura e escrita) se baseia em práticas discursivas verbais e não verbais que fazem sentido aos participantes que convivem entre si sistematicamente e que se reconhecem como um grupo de pessoas e como falantes de uma língua natural por partilharem de parâmetros culturais comuns. Todas as sessões são filmadas, *decoupadas* e anotadas em diários de pesquisa pelos investigadores que delas participam para, posteriormente, serem transcritas de acordo com o BDN.

Para retratar a dinâmica das situações dialógicas o BDN dispõe de um sistema de notação e codificação, bem como de um sistema aberto de busca baseado em categorias descritivas para auxiliar a identificação de dados (COUDRY, 2003; FREIRE; COUDRY, 2016). Mais importante, como já foi dito, é o fato de dar a (re)conhecer aquilo que antes podia estar oculto, contribuindo para o refinamento teórico-metodológico das análises neurolinguísticas empreendidas (e do seguimento longitudinal), especialmente aquelas que envolvem a avaliação de processos de significação verbais e não verbais, que levam em conta o funcionamento articulado da linguagem em níveis, bem como a relação da língua com outros sistemas semióticos.

A tabela do BDN mais utilizada pelos pesquisadores é composta por seis colunas: (1) Código de Busca para permitir a seleção de certos enunciados; (2) Numeração das Linhas para facilitar a análise e a discussão dos dados; (3) Sigla do Locutor; (4) Transcrição propriamente dita; (5) Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal; (6) Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal (20), como mostra o Quadro 1. Até que se chegasse a essa configuração foram feitos vários ajustes em função das hipóteses teóricas dos estudiosos da área, por um lado, e das especificidades das práticas discursivas por eles utilizadas, por outro.

| Código de Busca | Linha | Interlocutor | Transcrição | Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal | Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal |
|------------------------|--------------|---------------------|--------------------|---|---|
| | | | | | |

Quadro 1: Colunas que compõem a tabela do BDN

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística - BDN - CNPq: 307227/2009-0

4.1 Bife a cavalo

Na sessão de grupo do CCA, em setembro de 2009, fazíamos um jogo de encontrar palavras que começam com uma determinada letra, justamente para que os afásicos entrassem em contato com as dificuldades e soluções que aparecem em atividades de linguagem que atuam na seleção e relação de letras, palavras e objetos do mundo. Um jogo de acesso ao léxico mental pelo nome das letras associadas a um conjunto de palavras. Conhecer as modificações decorrentes da afasia e lidar com elas ajuda no trabalho direcionado à autonomia enunciativa que propomos como meta no CCA. A letra em questão é B. Nada ocorria a WW, um dos participantes do grupo, que recorre à escrita, escrevendo em seu caderno *bite*, acompanhado do gesto com a boca de mastigar. A investigadora lê *bite* e, posteriormente, diz bife e WW, imediatamente, diz *bife*. Considerando que WW privilegia o uso de palavras para se expressar a investigadora, para ajudá-lo a desdobrar sua fala em expressões ou enunciados, lhe pede que diga *bife a cavalo* e WW fica em silêncio. Ensaia, por repetidas vezes, quase desistindo. O grupo tenta ajudá-lo, mas as palavras não vêm. Tudo demorou muito. Partilhando seu mal-estar a investigadora pergunta de que outra maneira ele poderia dizer a expressão. E prontamente diz *bife com ovo*. Veja-se no quadro 2 o dado transcrito no BDN.

| Linha | Interlocutor | Transcrição | Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal | Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal |
|-------|--------------|--|--|--|
| 1 | WW | | Tenta falar <i>bife</i> e não consegue | |
| 2 | WW | | Escreve <i>bite</i> | Faz o gesto de mastigar |
| 3 | Imc | Bite | Lendo o que WW escreveu | |
| 4 | WW | | Não consegue ler em voz alta o que escreveu | |
| 5 | Imc | Bife | | |
| 6 | WW | Bife | | |
| 7 | Imc | Então diz aí: bife a cavalo | Tom de pedido | Colocando uma mão sobre a outra representando o ovo sobre o bife |
| 8 | WW | | Silêncio prolongado | |
| 9 | Imc | De que outra maneira você pode dizer isso? | Tom interrogativo | Tentando provocar a contiguidade no lugar da metáfora |

| | | | | |
|----|----|--------------|--|----------------|
| 10 | WW | Bife com ovo | | Risos de todos |
|----|----|--------------|--|----------------|

Quadro 2: Bife a cavalo

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística - BDN - CNPq: 307227/2009-0

WW, 42 anos, comerciante, destro, apresenta uma afasia verbal (FREUD, 1891), decorrente de Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi), na região da artéria cerebral média do hemisfério esquerdo. Criado no interior do estado de São Paulo, WW era um homem reservado, muito benquisto pelos participantes do grupo, dedicado às atividades do CCA e bem humorado.

Seguindo a teoria da afasia proposta por Jakobson (2007), a afasia de WW incide mais sobre o eixo da similaridade, dificultando a expressão da metáfora (bife a cavalo). Esta remete a uma escolha que torna ausente a expressão desejada *a cavalo*, concorrendo com outras palavras, que também não se anunciam. A solução encontrada por WW foi substituir a expressão combinando bife e ovo no eixo metonímico (JAKOBSON, 2007), desdobrando a representação simbólica da expressão encoberta que deixa escapar a metáfora.

A notação no BDN nos leva a interpretar que WW completa sua escrita com o gesto de mastigar (linha 2) reconhecendo o seu estado afásico e esclarecendo aos seus interlocutores o seu *intuito discursivo* (BAKHTIN, 1997). Igualmente, na linha 7, a investigadora faz o gesto com as mãos para representar o ovo por cima do bife, indicando uma possível comparação implicada na expressão *a cavalo*; dois aspectos que escapariam à análise se os dados fossem apenas transcritos.

Por fim, discutimos em grupo a dificuldade de WW no eixo da seleção para construir a expressão metafórica e no manuseio do patrimônio lexical que habita nossa memória das palavras da língua, partilhada com os falantes do português, bem como a alternativa que se apresentou, de modo que ele (e os outros integrantes do grupo) compreendesse sua afasia e atentasse para as várias possibilidades que a língua dispõe – que o estudo discursivo da afasia conceitua como *processos alternativos de significação* (COUDRY, 1986) – para lidar com o estado atual de sua afasia no *continuum* da fala.

4.2 Eclipse

Na saída da sessão do CCA, em outubro de 2005, SL queria contar a seu interlocutor que tinha visto o eclipse da noite anterior, fato noticiado pela mídia. Tentou seguidas vezes dizer a palavra eclipse, mas várias parafasias fonológicas ocorriam em seu

lugar e seu interlocutor não compreendia. Mas SL não desiste. Em uma folha de papel escreve a letra E, tira um clipe (que se diz clips) da agenda de seu interlocutor e junta os dois para dizer eclipse (Figura 1).



Figura 1: Eclipse

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística - BDN - CNPq: 521773/95-4

Na sessão seguinte, SL, na tentativa de perguntar aos demais participantes do Grupo II do CCA, se haviam visto o eclipse, *diz* a palavra do mesmo modo que dissera à investigadora na sessão anterior. Veja-se no quadro 3 o dado transcrito no BDN.

| Linha | Interlocutor | Transcrição | Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal | Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal |
|-------|--------------|--|--|--|
| 1 | SL | Ah:: você sabe? | Tom interrogativo | Volta-se para Imc |
| 2 | SL | Que::: | Tom reticente | |
| 3 | SL | Assim? | Tom interrogativo Escreve a letra E | Confirmando com Imc o que recontaria ao grupo |
| 4 | Imc | Oh:: pessoal | | Chamando a atenção do grupo para a fala de SL |
| 5 | SL | Tem um clips aí? | Tom interrogativo | Dirigindo-se a Imc |
| 6 | Imc | Clips? | Tom interrogativo | Dirigindo-se a SL |
| 7 | SL | Não, né? | Tom interrogativo | Constatando que Imc não dispunha de um clipe |
| 8 | Imc | Alguém tem um clips? | Tom interrogativo | Dirigindo-se ao grupo |
| 9 | Imc | Ah:: por falar em clips:: | Tom reticente | |
| 10 | SL | | | Olhando para Imc movimentando a mão esquerda para cima e para baixo, lhe pedindo que aguarde |
| 11 | Imc | Oh, gente! Vamos prestar atenção aqui! | Tom exclamativo | Chamando a atenção dos presentes |

| | | | | |
|----|-----|---|-------------------|---|
| 12 | Ils | | | Oferece a SL uma caixinha com cliques |
| 13 | Imc | Olha só que chique! A Ils tem uma caixinha. | Tom conclusivo | |
| 14 | SL | | | Pega um clipe na caixinha |
| 15 | SL | Oh | Tom conclusivo | Coloca o clipe ao lado da letra E que escrevera |
| 16 | Imc | Vocês viram o que ele fez? | Tom interrogativo | Dirigindo-se aos presentes |
| 17 | Imc | Ele pegou o clips e o "E": E / clipe | Tom conclusivo | |

Quadro 3: Eclipse

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística - BDN - CNPq nº 521773/95-4

Esse dado acontece levando em conta a história do sujeito e daquilo que ocorre no tempo em que vive. SL, 60 anos, servidor público, poeta e fotógrafo, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico e hemorrágico no hemisfério esquerdo que o deixou com uma afasia verbal, segundo Freud (1891), que modificou sua relação com o sistema fônico da língua, o que o leva a produzir parafasias fonológicas, à procura da palavra alvo, que muitas vezes chegam à desintegração fonética (ALAJOUANINE; OMBREDANE; DURAND, 1939).

SL frequentou o CCA de 2002 a 2006 e, no grupo, gostava de comentar notícias da semana, trazer fotografias de sua autoria para mostrar aos demais integrantes, contar piadas, fazer trocadilhos, ler suas poesias, tudo isso mostrando uma sensibilidade especial para lidar com a linguagem. Mesmo com uma afasia que restringe a expressão verbal, sua participação no grupo reafirma seu lugar de interlocutor ativo. Um dado como esse, possível de ser construído pelo afásico na relação com seu interlocutor, funciona como uma versão protocolar historicamente datada, como é o caso da ocorrência do eclipse, amplamente divulgado na mídia, e sobre o qual SL comentou com a investigadora e recontou aos integrantes do grupo.

Do ponto de vista teórico, seguindo a interpretação de Freud da afasia (FREUD, 1891), e especialmente o conceito de representação de palavra e de representação de objeto, cuja relação delimita os tipos de afasia descritos por esse autor, analisamos o trabalho de SL com a linguagem e outros sistemas simbólicos na associação intra e intersemiótica que realiza.

Para dizer a palavra eclipse, SL selecionou um elemento escrito da representação de palavra (E), tendo a impressão da inervação da palavra na ponta da língua e sua imagem sonora (*eclips*), combinando-as, assim, com o elemento visual da representação

de objeto para produzir a segunda imagem sonora da palavra, ou seja, a imagem sonora da palavra depois de falada (FREUD, 1891). SL trabalha para dizer a palavra desejada, recorrendo ao desdobramento metalinguístico da palavra em uma contiguidade de elementos que se sucedem, verbais e não verbais, traduzidos em verbais. O modo como produz a palavra eclipse mostra um conjunto de relações entre o que se fala, escreve, lê, em uma espécie de síntese paradigmática e sintagmática, que funciona à moda de um processo alternativo de significação, “(...) uma ligação não oficial (um “gato”)” (COUDRY, 2007) entre a representação de palavra e a representação de objeto (FREUD, 1891/1973).

Convém considerar que SL poderia ter desenhado a lua parcialmente encoberta pelo sol (seus interlocutores provavelmente interpretariam seu intuito de dizer *eclipse*, já que o fenômeno tinha ocorrido recentemente), o que caracterizaria um trânsito intersemiótico (do desenho para palavra), mas não, ele (porque poeta) trabalha com elementos preferencialmente linguísticos – letra e valor sonoro/sonoridade da palavra *clipe*. Tal operação pode ser interpretada como uma tradução intralingual – de um segmento escrito (letra - unidade mínima da escrita) que se combina com outro segmento sonoro (significante da palavra - /ˈklips/) para SL dizer eclipse (FEDOSSE, 2008).

A visibilidade à cena enunciativa proporcionada pelo tipo de registro que caracteriza o BDN permite que se perceba informações que passariam despercebidas, como é o caso do pedido de SL à investigadora que aguardasse a sua fala, em uma espécie de contenção das parafasias fonológicas que ocorreram na primeira ocorrência desse dado (conforme linha 10).

Os dados *bife a cavalo* e *eclipse* acontecem porque se vinculam a um discurso em construção entre interlocutores e podem ser interpretados, pelo que revelam da relação do sujeito com a linguagem, como dados-achados. Como vimos, para se interpretar um dado como dado-achado é preciso um tratamento discursivo em sua análise e nas formas de seu acontecimento, além de um olhar heurístico para *ver* e *achar* (COUDRY; FREIRE, 2010), beneficiado pela notação particularizada no BDN, em relação ao que é falado, escrito, lido e ao não verbal que ocupa, muitas vezes, na cena enunciativa o lugar da linguagem. O dado-achado é, ao mesmo tempo, *revelador* e *encobridor* de fenômenos linguísticos e sua análise proporciona um *movimento teórico*, nesse caso representado pelas ideias de Jakobson e Freud, o que permite a resolução de alguns problemas e a colocação de outros, daí a razão de um mesmo fato poder ser (re)interpretado, seguindo

o curso da teorização. O referencial teórico, portanto, orienta e levanta questões relevantes, produzindo hipóteses com as quais o investigador trabalha.

5 Considerações Finais

Talvez o leitor, ao ler o título deste trabalho e não encontrar um conjunto de atividades voltadas para a avaliação, se surpreenda. Apresentamos a proposta discursiva de avaliação de linguagem na afasia destacando que a interlocução que a sustenta é concebida como espaço de produção de sentidos, envolvendo o uso psíquico e social da linguagem, em práticas discursivas materializadas pela linguagem verbal e não verbal.

Analisamos criticamente a avaliação que não incorpora o sujeito (afásico ou não) em seus propósitos e toma a língua fora de seu exercício. De fato, é isso que torna o sujeito afásico mais afásico do que é, sem chances de associar nada com nada; e se assim mesmo fizer uma associação, ela não será levada em conta na resposta padrão que se espera dele.

Para os princípios metodológicos – que se articulam aos teóricos – que sustentam a ND, diferentemente das metodologias psicométricas, importa a relação heterogênea entre *sujeito* e *linguagem* e não uma relação pré-estabelecida entre a *falta* (para se atingir a normalidade) e a *patologia*; importam sujeitos comuns marcados por sua relação com o que é objeto da avaliação discursiva: a linguagem (fala, leitura e escrita), corpo/práxis, percepção, imaginação, vontade, e não sujeitos idealizados e padronizados. Tem importância, portanto, nessa relação, a reversibilidade de papéis discursivos desempenhados pelos sujeitos em situações de interlocução, historicamente situadas e a construção das imagens recíprocas que fazem os interlocutores de si e do discurso que produzem. Daí porque a avaliação de linguagem que propomos inclui em suas versões protocolares as mais diversas manifestações da relação entre o sujeito e a linguagem que ocorrem em interlocuções entre sujeitos da linguagem, no caso entre afásicos e não afásicos.

Analisamos, do ponto de vista neurolinguístico, dois dados de sujeitos afásicos com o objetivo de explicitar a relação entre práticas discursivas e versões protocolares ocasião em que dados singulares/achados ocorrem e iluminam o processo de compreensão das dificuldades que o sujeito afásico apresenta e de como as enfrenta, além do refinamento teórico e clínico que isso possibilita.

Por fim, retomamos o papel que o BDN tem no registro do que ocorre na cena enunciativa em que transcorrem práticas discursivas que compõem uma versão

protocolar, em que a avaliação discursiva se estabelece como um lugar de interação de uma pessoa afásica com uma não afásica, um lugar de relação entre pessoas que compartilham língua e cultura, tal como vimos na produção dos dois dados-achado apresentados neste texto. A avaliação é um lugar social, um lugar de exercício vivo de linguagem e de cidadania. É também um lugar de reflexão e de inquietude a respeito da realidade material do discurso de coisa dita/pronunciada e escrita, um lugar de comentário, de valor reparador/terapêutico, no sentido de expor o afásico a diferentes fatos de linguagem e de cultura, que o faz exercer diferentes papéis enunciativos, ocupar posições para dizer coisas ou deixar de dizê-las, para interpretar/compreender e ser interpretado/compreendido.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e olhares. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 171-191, dez. 2008.
- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. 1. ed. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALAJOUANINE, T.; OMBREDANE, A.; DURAND, M. **Le syndrome de désintégration phonétique dans l'aphasie**. 1. ed. Paris: Masson, 1939.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- BENVENISTE, E. Os níveis de análise linguística. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995a. P. 127-140.
- BENVENISTE, E. Comunicação animal e linguagem humana. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995b. p. 60-67
- COUDRY, M. I. H. **Dificuldade de viver** - Homenagem a François Dolto. 2012. 92 p. Memorial para Concurso de Professor Titular na Área de Neurolinguística do Departamento de Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. (Unpublished manuscript).
- COUDRY, M. I. H. Afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 7-36, dez. 2008.
- COUDRY, M. I. H. **Relatório de Pesquisa do Projeto Integrado em Neurolinguística: Avaliação e banco de dados**. 2007. 90 p. CNPq: 521773/95-4. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. (Unpublished manuscript).
- COUDRY, M. I. H. Registro de linguagem, gestos e percepção no Banco de Dados de Neurolinguística. In: SEMINÁRIOS DO GEL, 51, 2003, Taubaté. (Unpublished manuscript), 2003.

- COUDRY, M. I. H. Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, n. 1, p. 99-129, jan./jun. 2002.
- COUDRY, M. I. H. O que é dado em neurolinguística?. In: CASTRO, M. F. C. (Org.) **O Método e o dado no estudo da linguagem**. 1. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. p. 179-192.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva. 1986. 284 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Publicada em livro, São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COUDRY, M. I. H.; BORDIN, S. M. S. Afasia e infância: registro do (in)esquecível. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n.1, p. 135-154. jan./jun. 2012.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, M. I. H.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Investigação qualitativa na avaliação da linguagem de afásicos. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ), 5, 2016, Porto. **Atas...** Porto, 2016, v. 3. p.423-432, 2016.
- COUDRY, M. I. H.; MORATO, E. M. Aspectos Discursivos da Afasia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 1., n. 19, p. 127-145, jul./dez. 1990.
- FEDOSSE, E. **Da relação linguagem e praxia**: estudo neurolingüístico de um caso de afasia. 2000. 155p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.
- FOLSTEIN, M.; FOLSTEIN, S.; McHUGH, P. Mini Mental State. **Journal of Psychiatric Research**, Amsterdam, v. 12, n. 3, p. 189-198, 1975.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, original do texto de 1970. 2000.
- FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In:FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 125-152.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FRANCHI, C. Linguagem - Atividade Constitutiva. **Revista do Gel**, São Paulo, n. especial, p. 37-74, original de 1977, 2002.
- FREIRE, F. M. P. **Agenda Mágica**: linguagem e memória. 2005. 257 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- FREIRE, F. M. P. **Enunciação e Discurso**: a linguagem de programação Logo no discurso do afásico. 1999. 229 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Publicada em livro, Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FREIRE, F. M. P.; COUDRY, M. I. H. Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ), 5, 2016, Porto. **Atas...** Porto, 2016, v. 3, p. 367-376.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. 1. ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973, original de 1891.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R., **Linguística e comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007, original de 1956. p. 34-63.

LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1981.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos de Análise do Discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010.

MÁRMORA, C. H. C. **Linguagem, afasia, (a)praxia: uma perspectiva neurolinguística**. 2000. 211 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RIBEIRO, I. Quais as faces do português culto brasileiro. In: ALKMIM, T. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Vol.III. São Paulo, SP: Humanitas, 2001. p. 359-382.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamiento Y Habla**. 1. ed. Buenos Aires: Colihue, 2007, original de 1934.

Recebido em: 27 de março de 2017.

Aceito em: 19 de maio de 2017.